

# Varíola do macaco deixa países em alerta

OMS convoca reunião de emergência para discutir aumento de casos da doença fora do continente africano. São ao menos 11 países atingidos e 80 infectados. Um deles é um brasileiro que se recupera na Alemanha

O registro de ao menos 130 casos de varíola do macaco, entre confirmados e suspeitos, fora do continente africano — onde a doença é mais incidente — levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a convocar, ontem, uma reunião de emergência. Em menos de 15 dias, oito países europeus — Bélgica, França, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Suécia e Reino Unido —, além de Estados Unidos, Canadá e Austrália, notificaram casos de pessoas infectadas, o que tem intensificado a preocupação quanto a uma disseminação descontrolada do vírus. Um dos pacientes é um brasileiro de 26 anos que se recupera, isolado, em uma clínica em Munique, na Alemanha.

Segundo a agência das Nações Unidas, os surtos relatados nos 11 países são considerados “atípicos”, pois ocorrem em regiões não endêmicas (**Leia Para saber mais**). Há 80 casos confirmados e a expectativa de que novos sejam relatados nos próximos dias, considerando que o monitoramento está sendo fortalecido. “A OMS está trabalhando com os países afetados e outros para expandir a vigilância da doença e para encontrar e apoiar as pessoas que podem ser afetadas, além de fornecer orientações sobre como gerenciar a doença”, informa a nota divulgada depois da reunião.

A agência avalia que são baixos os riscos de que ocorra uma disseminação parecida com a do novo coronavírus, o causador da atual pandemia de covid-19. Isso porque a contaminação pelo vírus da varíola do macaco se dá principalmente a partir do contato com sangue, fluidos corporais, lesões na pele ou membranas mucosas de animais infectados. A transmissão de um ser humano para outro é baixa,

assim como a taxa de mortalidade nos países mais acometidos pela doença.

Segundo Simon Clarke, professor de microbiologia celular da Universidade de Reading, no Reino Unido, a cepa da África Ocidental que afeta os casos britânicos tem uma taxa de mortalidade em torno de 1%. “Há também uma cepa encontrada na região do Congo que pode ser fatal em 10% dos casos, mas os casos britânicos não têm essa variante”, diferencia.

## Transmissão local

O primeiro caso do surto atípico da varíola do macaco foi comunicado pelo Reino Unido em 7 de maio. Tratava-se de uma pessoa que havia viajado para a Nigéria. Os 19 registros subsequentes, porém, foram possivelmente por transmissão comunitária, segundo a Agência de Segurança Sanitária (UKHSA). “Os casos mais recentes, juntamente com relatos de países da Europa, confirmam nossa preocupação inicial de que a varíola do macaco possa estar se espalhando em nossas comunidades”, comentou Susan Hopkins, consultora médica do governo britânico.

O primeiro registro da doença na Alemanha — um brasileiro de 26 anos — fortalece a suspeita. O homem esteve em Portugal e na Espanha, passou por Düsseldorf e Frankfurt e chegou a Munique, onde estava por uma semana até ser diagnosticado com o vírus, na última quinta-feira. Relatos fora da Europa também sinalizam para transmissões que não envolvem passagem pelo continente africano. Os Estados Unidos reportaram na quarta-feira o primeiro caso: o de um homem de Massachusetts que testou positivo para o vírus depois de visitar o Canadá. O país vizinho está

CDC



A doença causa erupções cutâneas e, geralmente, se cura sozinha: OMS fala em um “surto atípico”

investigando mais de uma dezena de infecções suspeitas.

Espanha e Portugal somam mais de 40 casos possíveis e verificados. “Precisamos entender melhor a extensão da varíola do macaco nos países endêmicos para entender a verdade sobre como está circulando e o risco que significa para as pessoas, bem como o risco de exportação”, disse, na terça-feira, a epidemiologista da OMS Maria Van Kerkhove.

## Risco de estigma

O surgimento de erupções cutâneas é um dos sinais

característicos da doença. Febre, dores musculares e de cabeça, cansaço e inchaço dos gânglios linfáticos também fazem parte dos sintomas da enfermidade, que costumam aparecer entre 10 e 14 dias depois da infecção. Não há tratamento, e, na maioria dos casos, o próprio sistema de defesa do paciente elimina o vírus.

Também não existe uma vacina específica para a varíola do macaco. Porém, estudos mostram que as imunizações contra a varíola comum são até 85% eficazes contra essa versão atípica, segundo a OMS. Na nota divulgada ontem, a agência incentivava

as pessoas a buscarem fontes confiáveis, como autoridades nacionais de saúde, para se informar “sobre a extensão do surto da doença em sua comunidade, os sintomas e a prevenção”.

A agência está preocupada com uma possível estigmatização acerca do surto, considerando que, dos sete casos registrados até o momento no Reino Unido, quatro são pessoas que se identificam como “homossexuais, bissexuais ou homens que têm relações sexuais com outros homens”, segundo a UKHSA. “Estigmatizar grupos de pessoas por causa de uma

## Para saber mais

### Primeiro caso há 52 anos

O primeiro registro de varíola do macaco em humanos ocorreu na República Democrática do Congo, em 1970 — 12 anos depois de o vírus ter sido identificado em macacos mantidos em um laboratório para pesquisa. O país segue sendo um dos mais atingidos pela doença. Ontem, a Organização Mundial da Saúde (OMS) relatou que investiga 1.284 casos de pacientes infectados no Congo, sendo que 58 morreram devido a complicações da enfermidade.

Os casos dessa zoonose — transmitida de animais para humanos — são mais incidentes em áreas de floresta tropical da África Central e Ocidental. Desde 1970, foram registrados casos em 10 países do continente, mas já houve registros em outras regiões do planeta. Em 2003, por exemplo, um surto nos Estados Unidos acometeu 47 pessoas. O Reino Unido tem feito diagnósticos mais recentes: em 2018, 2019, 2021 e 2022 — o país foi o primeiro fora do continente africano a relatar a enfermidade neste ano.

doença nunca é aceitável. Pode ser uma barreira para acabar com um surto, pois pode impedir que as pessoas procurem atendimento e levar à disseminação não detectada”, enfatizou a OMS.

## » Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

### Segunda-feira, 16

#### A LINGUAGEM DOS CHIMPANZÉS

Estudo publicado no *Nature Communications Biology* mostra que os chimpanzés têm uma capacidade excepcional de produzir vocalizações complexas, com quase 400 sequências diferentes identificadas por uma equipe de cientistas nesse primata, o mais próximo do ser humano. “Não falamos, é claro, se tomarmos como referência a linguagem humana”, adverte o biólogo evolucionista Cédric Girard Buttoz, principal autor do trabalho. Entretanto, apresentam uma capacidade fora do comum para combinar uma gama reduzida de chamados, “12 vocalizações simples” em, ao menos, 390 sequências diferentes, segundo o pesquisador. É uma espécie de sintaxe que associa de dois a 10 gritos e cujo significado ainda precisa ser especificado. De fato, o animal pode ter desenvolvido a capacidade de combinar sons de diferentes maneiras para significar coisas distintas. A equipe, que tem alguns membros afiliados ao instituto alemão de antropologia evolutiva Max Planck, trabalhou com base em cerca de 5 mil registros feitos de 46 chimpanzés adultos selvagens na reserva marfinsense do Parque Nacional Tai.

TIZIANA FABI



HANDOUT



### Terça-feira, 17

#### PERSEVERANCE BUSCA SINAIS DE VIDA EM MARTE

Há 15 meses em Marte, a sonda Perseverance, da Nasa, iniciou a escalada de um delta na Cratera Jezero, de 45 quilômetros, onde pousou. Nessa etapa, o objetivo é recolher sinais de vida no Planeta Vermelho. O robô subirá o morro e depois retornará ao mesmo local de partida, levando informações, bem como rochas que possam revelar dados sobre atividades. Essas amostras ficaram depositadas em Jezero para serem recolhidas em missões espaciais futuras e trazidas para a Terra para exames detalhados. Perseverance pousou no centro da cratera em 18 de fevereiro do ano passado. Nos meses subsequentes, testou ferramentas, pilotou um mini-helicóptero experimental e recolheu impressões gerais de Marte. Agora, começa a fase mais importante da missão.

### Quarta-feira, 18

#### GOLFINHOS RECONHECEM AMIGOS POR URINA

Pense nas pessoas que você conhece e em como você reconheceria quem está por perto mesmo sem ver. Talvez conseguisse fazê-lo pela voz ou pelo cheiro do perfume. Segundo um novo estudo publicado no periódico *Sciences Advances*, para os golfinhos, é o gosto da urina e seus guinchos característicos que permitem a identificação dos amigos à distância, “O uso do paladar é altamente útil em mar aberto, pois as plumas de urina podem permanecer tempos depois de os animais terem saído”, escreveu a equipe liderada por Jason Bruck, da Universidade de St. Andrews, no Reino Unido. “Reconhecendo quem deixou seu rastro, os golfinhos poderiam sentir a presença recente de um indivíduo mesmo sem perceber sua presença de forma vocal”, acrescentou. Os pesquisadores apresentaram a oito golfinhos amostras da urina de indivíduos familiares e desconhecidos. Os cientistas descobriram que os cetáceos usavam o triplo do tempo absorver amostras dos indivíduos conhecidos.

SAEED KHAN



### Quinta-feira, 19

#### EUA INVESTEM EM CAPTURA DE CO2

Os Estados Unidos revelaram um pacote de investimentos de US\$ 3,5 bilhões para projetos de captura de dióxido de carbono diretamente do ar, uma tecnologia de vanguarda, vista como possível solução para as mudanças climáticas. O valor deve ser usado em quatro programas, que incluem planos de captura de CO2 diretamente do ar e das fábricas, visando ao seu armazenamento, segundo o Departamento de Energia. Em seu relatório mais recente, a ONU afirma que o mundo precisa capturar e armazenar dióxido de carbono do ar e dos oceanos, independentemente da velocidade com que os países consigam reduzir suas emissões de gases do efeito estufa. Trata-se de um método recente que desperta grande interesse, embora seu potencial para projetos de larga escala ainda não tenha sido comprovado. Espera-se que os programas americanos sejam capazes de capturar e armazenar até 1 milhão de toneladas de CO2 por ano.